

OS QUADRINHOS DA LINGUAGEM:

O preconceito linguístico analisado nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica e da Turma do Chico Bento

Bethânia Nogueira de LIMA
Giuliana Troilo de OLIVEIRA
Mariana Helena MESSIAS

Profa. Ms. Maria Sílvia P. Rodrigues Alves BARBOSA (Orientadora)

Resumo: o presente trabalho tem como principal objetivo identificar, por meio de uma análise feita através das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica e da Turma do Chico Bento, o Preconceito Linguístico existente em torno de variantes linguísticas como a gíria e a fala do caipira. Para que essa análise pudesse ser realizada, fizemos primeiro um estudo sobre Variação e Mudança Linguística. Em seguida, apresentamos alguns aspectos estudados pela Sociolinguística e, finalmente, abordamos o tema Preconceito Linguístico. O próximo item de nosso trabalho foi um estudo realizado sobre a origem e estrutura das histórias em quadrinhos assim como sobre a origem e estrutura do mangá, que é o formato das novas histórias da Turma da Mônica na versão Jovem. Outro ponto importante que nos auxiliou na realização desse trabalho foi o estudo sobre a relação da criança e do adolescente com as histórias em quadrinhos. Escolhemos como *corpus* dessa análise, tiras das histórias da Turma da Mônica Infantil, da Turma do Chico Bento e da Turma da Mônica Jovem. As análises da linguagem dessas tiras constituem o principal foco deste trabalho.

Palavras-chave: variação linguística; preconceito linguístico; histórias em quadrinhos.

Abstract: The following study has as main purpose identify, by mean of done analysis among Monica's Gang Comics and Chico Bento's Gang, the Linguistic Prejudice existent on the Language Variation, as the dialect and the rustic's speech. Toward this analysis be performed, we first did a research among the Linguistic Variation and Linguistic Changes. The following step we presented some aspects studied by sociolinguistic and finally we have approached the Linguistic Prejudice. The next point of our research has been an analysis done about the source and framing of the comics such as the source and framing of '*manga*', which is the format of new comics about Monica's Gang in Youth version. Another main point of our research had been the study among the relationship of the children and the youthful herewith the comics. We chose as corpus of our analysis, strips of the Monica's Gang, of the Chico Bento's Gang and Monica's Gang Youth stories. The analysis of these languages maintained on the strips is the main purpose of our research.

Keywords: linguistic variation; linguistic prejudice; comics.

Introdução

Essa pesquisa tem por objetivo abordar relações de linguagem da criança e do adolescente nas histórias em quadrinhos, e apontar através delas, o preconceito linguístico em relação ao dialeto caipira e a valorização da gíria entre os adolescentes. Para isso, contamos

com estudos de Marcos Bagno, Ronald Beline, Paulo Chagas e Raquel Santos, em que encontramos apoio e sustentação para nossa pesquisa.

Através destes estudos, percebemos o quanto os fenômenos da língua são variados e as muitas possibilidades de pesquisa que poderíamos abordar. Escolhemos, pois, mostrar o preconceito linguístico e a valorização da gíria expostos em uma mídia de livre acesso tanto à criança como aos adolescentes e que representa, hoje, um produto de grande circulação.

As histórias em quadrinhos, atualmente, são usadas nas salas de aula como textos complementares e também são consideradas como leitura para diversão. Justamente por esse fato, é que as histórias em quadrinhos foram escolhidas para mostrar os fenômenos que iremos abordar nesta pesquisa. Elas estão presentes tanto na vivência escolar como no cotidiano da criança e do adolescente. Para que esse público goste tanto deste tipo de leitura, acreditamos que as histórias em quadrinhos continuam sendo um gênero muito apreciado e valorizado por seus leitores. Acreditamos, também, que seus produtores tentam aproximá-las o máximo possível do cotidiano, das vivências reais e, portanto, da língua falada, para atrair cada vez mais leitores.

Para abordar sobre as histórias em quadrinhos, pesquisamos em monografias, artigos de revistas e reportagens, tanto impressas como digitais. Constituímos como *corpus* de pesquisa a Turma da Mônica, a Turma do Chico Bento e a Turma da Mônica Jovem. Para isso, pesquisamos em versões *on-line*, aspectos sobre Mauricio de Sousa e sobre a Turma da Mônica e colhemos, no *site* oficial, a maioria das informações.

Abordamos também sobre alguns aspectos relacionados à linguagem da criança e do adolescente. Procuramos mostrar através das teorias de Chomsky, Piaget e Vygotsky a aquisição da linguagem e sua importância como objeto de relacionamento com o mundo, isto é, com o meio social. Mostramos como as crianças se apegam à leitura com figuras, e como as histórias em quadrinhos são valorizadas por várias faixas etárias. Verificamos também como essas relações se dão na adolescência e mostramos que a linguagem é uma marca de identidade para o adolescente e forma de socialização entre eles.

Para a análise do *corpus*, selecionamos tiras da Turma da Mônica, da Turma do Chico Bento e da Turma da Mônica Jovem. Analisamos como a fala é marcada em cada ambiente – cidade e interior – e nas duas faixas etárias – criança e adolescente. Mostramos a abordagem linguística utilizada em cada uma e apontamos as diferenças e preconceitos expostos na fala dos personagens.

Acreditamos que, através dessa pesquisa, as percepções de preconceito linguístico e valorização da língua possam ser identificadas, não somente nas histórias em quadrinhos, mas também em todos os meios de comunicação, principalmente na fala cotidiana. Esperamos também que os professores que utilizam esse tipo de texto em sala de aula abordem, além da leitura e gramática, outros fenômenos da língua, os que estão mais presentes na fala, e com isso, os alunos possam perceber o quanto a língua portuguesa é variada e que não importa a maneira como se fala e, sim, o que se fala.

1 Língua, variação e sociedade

Fizemos, ainda, um estudo teórico sobre importantes temas que serão usados em nossas análises ao longo deste trabalho. Este estudo compreende os principais conceitos de Variação Linguística. Para isso, foi necessária também uma breve reflexão sobre Mudança Linguística e Sociolinguística, temas que estabelecem relações entre a sociedade e a língua. Em seguida, apresentamos um estudo sobre o Preconceito Linguístico, tema que estará muito presente durante a análise do *corpus* desse trabalho.

Para a realização desse estudo teórico, baseamo-nos em reflexões de alguns estudiosos, são eles: Beline (2004), Chagas (2004), Scherre (2005) e Bagno (2004).

1.1 Variação linguística

A Língua Portuguesa é dotada de uma grande variação, uma vez que a língua é um fato social e o falante, portanto, tem autonomia no seu uso. A variação linguística deve-se a uma porção de fatores como: classe social, idade, sexo, contexto, escolaridade, formalidade ou informalidade na situação de fala, entre outros, formando, assim, uma enorme diversidade nacional.

Há muitos anos os linguistas estudam as variações da língua, desde o sentido amplo da questão – as diferentes línguas que existem no mundo – até fatos corriqueiros como as diferentes maneiras de se falar determinadas palavras no português do Brasil. A linguística estuda as línguas levando em consideração todos os fatores que podem fazer com que haja a variação na fala ou na escrita. Sendo assim, a base do pensamento linguístico é o estudo da língua e seus fenômenos. A variação linguística é construída pela forma individual com que cada falante se expressa. Uma mesma língua pode apresentar variações lexicais, fonéticas, morfológicas e sintáticas. Segundo Beline (2004), o interesse principal do linguista “é o de

localizar e descrever, regional e socialmente os dialetos de uma língua, os diferentes falares que ela pode apresentar”. Nesse sentido, este mesmo autor, afirma que:

Atualmente, quando se fala em variação, é comum fazer referência à sociolinguística, essa área da ciência da linguagem que procura, basicamente, verificar de que modo fatores da natureza linguística e extralinguística estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes níveis da gramática de uma língua – a fonética, a morfologia e a sintaxe – e também no seu léxico (BELINE, 2004, p. 125).

Dentre as áreas da linguística, há uma denominada Sociolinguística, que estuda especificamente as relações existentes entre a língua e a sociedade. O que para a Gramática Tradicional é visto como erro, para a Sociolinguística é visto como diversidade tendo em vista que não existe apenas um único grau de escolaridade, nem uma única vivência cultural. As pessoas falam diferentemente porque elas são diferentes e únicas. Segundo Belini (2004), numa mesma língua, uma mesma palavra pode ser pronunciada de formas diferentes interferindo ou não em seu léxico. Quando essa diferença acontece de acordo com a localização geográfica do falante, é chamada de variação diatópica, se ocorrer de acordo com a situação de fala (contexto mais formal ou mais informal) recebe o nome de variação diafásica, e ainda há a variação diastrática que se realiza de acordo com o nível socioeconômico do falante.

Um exemplo de variação diatópica que se dá no nível fonético é a diferença existente entre a fala dos cariocas e a dos paulistanos. A mais visível diferença é apresentada na forma como eles pronunciam o -r em final de sílaba. Paulistanos fazem essa pronúncia como uma vibrante simples, já os cariocas são conhecidos por aspirar o mesmo -r. Podemos observar outras variações em diferentes grupos como a alternância do -lh em -i: mulher/muié, velho/véio; redução dos ditongos: caixa/caxa, peixe/pexe; redução do -r no infinitivo: amar/amá, andar/andá, fazer/fazê, entre outros casos.

A variação pode ser também lexical, isso acontece quando mais de uma palavra é usada para fazer referência a um mesmo objeto. Na Bahia “jerimum” é usado para chamar aquilo que no Sul e Sudeste conhecemos como “abóbora”. Se fizermos um levantamento dos nomes que as pessoas usam para a palavra “diabo”, nos surpreenderemos. Muitas pessoas não gostam de pronunciar a palavra “diabo” e, por isso, criam uma nova forma para substituí-la, é o que vemos como exemplo na obra *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa, que traz uma linguagem muito característica do sertão centro-oeste do Brasil em que a palavra “diabo”

deixa de ser pronunciada apresentando os seguintes nomes: Demo, Cujo, Tinhoso, O indivíduo, O sujo, O coisa ruim, O pai do mal, dentre outros.

Os estudos da Sociolinguística foram desenvolvidos em sua grande parte pelo linguista americano William Labov que inicia, nos anos de 1960, uma série de investigações sobre a variação linguística. Os estudos apresentados por Labov revolucionaram a compreensão de como os falantes utilizam sua língua, pois apresentam uma nova forma de pensar sobre o seu uso. Para a Gramática Tradicional, essas variações são vistas como erros e, por isso, não são aceitas em determinadas situações.

Pela perspectiva Sociolinguística variacionista, iniciada por Labov, toda língua apresenta variação sendo um fator desencadeador de mudança linguística. A mudança linguística é caracterizada principalmente pelo contato com pessoas de faixas etárias diferentes, ou seja, quanto maior a diferença de idade, maior a probabilidade de encontrarmos diferenças na maneira de falar. Segundo o estudioso Paulo Chagas, percebemos uma mudança linguística não somente através das comunidades de fala, mas também pelos textos escritos ou falados – filmes, gravações ou qualquer tipo de registro no qual possamos ouvir os sons utilizados – de outras épocas. “Embora seja algo conhecido que as línguas mudam, tanto em sua forma falada quanto em sua forma escrita, a língua escrita é sempre mais conservadora do que a língua falada” (CHAGAS, 2004, p. 141). Portanto, o que ocorre é que, muitas vezes, vários tipos de palavras têm a sua pronúncia alterada, mas continuam a ser escritas da mesma forma, existindo, assim, um distanciamento entre a língua escrita e a língua falada. De acordo com Chagas (2004), essas mudanças ocorrem tanto no nível gramatical, como nos níveis morfológicos, sintáticos, fonológicos e semânticos. Chagas afirma que “Uma mudança que ocorre em um desses componentes da gramática pode levar a alterações em outro, como o surgimento de formas como “você”, que acabou afetando o sistema de pronomes possessivos” (CHAGAS, 2004, p. 147). Essa mudança não ocorre rapidamente, mas gradualmente, pois passa por um período de transição em que ocorre a variação. Somente depois desse período de transição é que se estabelece uma mudança. Percebemos, então, o quanto a mudança e variação estão relacionadas, sendo necessário estudarmos as duas concomitantemente.

Dentro de uma perspectiva variacionista se tem como certo que toda mudança pressupõe variação, ou seja, para que ocorra a mudança a língua tem necessidade de passar por um período em que há variação, em que coexistem duas ou mais variantes (CHAGAS, 2004, p.152).

As mudanças que ocorrem na sociedade são refletidas na língua. É importante ressaltar que as línguas não são sistemas perfeitos, acabados. A língua está sempre sendo renovada, mas nem toda inovação é realmente incorporada e difundida pelos falantes. A língua é heterogênea, é um sistema vivo. “Essa heterogeneidade é no fundo a raiz de toda mudança e podemos verificar que a heterogeneidade na sociedade pode gerar heterogeneidade na língua e vice-versa” (CHAGAS, 2004, p.151). Fica clara a relação estreita entre língua e sociedade, em que uma interfere na outra, conseqüentemente, uma modifica a outra.

As escolas tentam ensinar o que os livros defendem como certo e, muitas vezes, se esquecem de que o falante tem a sua própria característica enquanto pessoa, ele aprendeu a falar em sua comunidade e em sua família, por isso traz com ele aquela forma de se expressar que sempre usou em seu meio e sempre foi entendido através dela. O que as escolas deveriam fazer é ensinar aos seus alunos que, no Brasil, existe uma forma de falar prestigiada que é aquela aprendida nas gramáticas, forma essa que precisa, sim, ser estudada, pois é através dela que se tem acesso a bens culturais mais valorizados, mas que essa forma não seja considerada como única e absoluta. Quando essa forma de falar passa a ser defendida como o jeito certo de falar, ela faz com que as variações sejam vistas como o jeito errado de falar, fazendo, assim, com que o seu usuário seja menos valorizado do que os falantes de norma culta.

Certa tradição cultural nega a existência de determinadas variedades linguísticas dentro do país, o que acaba por rejeitar algumas manifestações linguísticas por considerá-las deficiências do usuário. Nesse sentido, vários mitos são construídos, a partir do preconceito linguístico.

1.2 O preconceito linguístico

Preconceito linguístico é a atitude de discriminar uma pessoa quando seu modo de falar se difere das regras estabelecidas pela Gramática Tradicional. De acordo com Scherre (2005), o preconceito vai além da forma de falar, atingindo assim, o indivíduo que traz consigo uma variante linguística menos prestigiada. A esse respeito, afirma:

Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo que fosse diferente do que está registrado ou codificado por nossas gramáticas fosse inerentemente errado. O ensino normativo tem o objetivo explícito de banir da(s) língua(s) formas ditas empobrecedoras, formas ditas desviantes, formas consideradas indignas de uma língua bem falada e, portanto, consideradas indignas de serem usadas por homens de bem. [...] com frequência, banem-se da escola não as

formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas, sim, as pessoas que as produzem (SCHERRE, 2005, p. 42).

O preconceito, na maior parte das vezes, é exercido por aqueles que tiveram acesso à educação de qualidade, à norma padrão de prestígio. Geralmente essas pessoas ocupam as classes sociais dominantes e, sob o pretexto de defender a língua portuguesa, acreditam que o falar daqueles com menor ou nenhuma instrução formal e com pouca escolarização seja inferior, denominam a variação com o nome de erro. O preconceito linguístico é, portanto, um preconceito social: não é a maneira de falar que sofre preconceito, mas a identidade social e individual do falante.

Em diversos momentos, podemos constatar esse preconceito, isso acontece em torno do jovem que usa gírias, mesmo que não seja uma pessoa sem escolaridade, na maioria das vezes em que ele utiliza dessa variante para se expressar, passa a ser visto como tal. Em entrevistas de emprego, por exemplo, muitas vezes, a capacidade do indivíduo passa a ser menos importante se sua forma de falar não agrada ao entrevistador. Podemos observar na televisão que em grande parte das novelas ou programas de humor, sempre que algum personagem apresenta uma variante menos prestigiada em sua maneira de falar, é colocado como um empregado, um negro, ou seja, sempre em posição inferior em relação a dos demais. Bagno (2004) afirma que “a mídia poderia ser um elemento precioso no combate ao preconceito linguístico, mas infelizmente, ela é hoje o maior propagador deste preconceito”.

Nem todas as variações linguísticas têm o mesmo prestígio social no Brasil, basta lembrar de algumas variações usadas por pessoas de determinadas classes sociais ou regiões para perceber o quanto há preconceito em relação a elas, por exemplo, o uso de gírias pelos adolescentes.

A gíria é uma variante linguística com termos e expressões que caracterizam um determinado grupo. Esse meio de se expressar contém uma linguagem codificada com a finalidade de não ser entendida por quem não pertence ao grupo. Com o objetivo de manter a identidade, o uso da gíria serve como signo de grupo, contribuindo, assim, para o processo de auto-afirmação do indivíduo. Os termos são criados, na maioria das vezes, a partir da linguagem comum, o que os indivíduos fazem é uma alteração do significante mudando categorias gramaticais e criando metáforas e/ou metonímias que expressam a visão de mundo do grupo. De acordo com a professora Bulhões (2007):

A gíria é, portanto, derivada de contribuições variadas da língua comum, abrangendo arcaísmos, neologismos, aspectos estilísticos, mudanças sintáticas e

outros recursos que, a princípio, teriam o objetivo de tornar uma linguagem irreconhecível (BULHÕES, 2007, p. 58-59).

Algumas vezes o uso de gírias reflete ironia, agressividade ou humor. Seu processo de criação baseia-se no aspecto lúdico, tornando-se um jogo de adivinhação para quem é estranho ao grupo. Por esse fato, a gíria e os falantes que fazem uso dela são, muitas vezes, vítimas de preconceito.

Outra variante que tem sofrido muitos preconceitos é o dialeto caipira. A forma normalmente utilizada por falantes das regiões interiores rurais dos estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, e interior de São Paulo, na maioria das vezes, é vista com um olhar pejorativo por falantes da norma culta. O preconceito com esse dialeto, em determinados momentos, deixa de ser só em torno da língua e passa a ser especificamente contra o falante. A partir desse preconceito, o termo caipira deixou de representar seu verdadeiro sentido de homem ligado à terra, à cultura original e passou a ser sinônimo de brega, mal vestido, velho e de alguém que utiliza uma linguagem com aspectos peculiares.

Bagno (2004), no livro *Preconceito linguístico – o que é, como se faz*, analisa oito pontos que ele chama de mitos em torno da língua. De acordo com o autor, é por acreditar nesses mitos que grande parte do preconceito linguístico é gerado. No primeiro mito – A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente – o autor fala sobre a diversidade do português falado no Brasil e destaca a importância de as escolas e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonarem esse mito da unidade do português no Brasil e passarem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país. No segundo mito – Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem o português – Bagno faz uma longa análise levando em conta a história desses dois países e desmitifica esse preconceito. De acordo com o autor, o mito – Brasileiro não sabe português – afeta o ensino da língua estrangeira, pois é comum escutar professores dizerem: os alunos já não sabem português, imagine se vão conseguir aprender outra língua, fazendo a velha confusão entre a língua e a gramática tradicional. No terceiro mito – Português é muito difícil – o autor se baseia na ideia de que as regras gramaticais consideradas certas são aquelas usadas em Portugal, e como o ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical portuguesa, as regras que aprendemos na escola, segundo o autor, em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por esse motivo, achamos que português é uma língua difícil. O quarto mito – As pessoas sem instrução falam tudo errado – trata da ideia de que toda variação que se apresente de forma diferente àquela

apresentada pela gramática e pelos dicionários, é vista como erro. Bagno, no quinto mito – O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão – diz ser este um mito sem nenhuma fundamentação científica, uma vez que nenhuma variedade, nacional, regional ou local seja melhor, mais pura ou mais correta do que outra. No sexto mito – O certo é falar assim porque se escreve assim – Bagno analisa a forte tendência presente no ensino da língua de obrigar o aluno a pronunciar do jeito que se escreve como se fosse a única maneira de falar português. No sétimo mito – É preciso saber gramática para falar e escrever bem – o autor afirma que é difícil encontrar alguém que não concorde com esse mito, ele discorda dessa idéia e apresenta a simples reflexão de que se isso fosse verdade, todos os gramáticos seriam grandes escritores, e os bons escritores seriam especialistas em gramática. Na visão do autor, a gramática passou a ser um instrumento de poder e controle. O oitavo mito – O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social – tem forte relação com o primeiro, pois ambos refletem sérias questões sociais. Bagno diz que o domínio da norma culta nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente e que não basta ensinar a norma culta a uma criança de classe baixa para que ela suba na vida, precisa haver um reconhecimento da variação linguística, porque segundo o autor, o mero domínio da norma culta não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo julgado inferior aos demais.

2 As histórias em quadrinhos: histórico, criação e principais aspectos

As histórias contadas através de desenhos iniciaram-se primeiramente com as figuras pintadas nas cavernas nos tempos da pré-história; os desenhos simbolizavam enredos de uma situação de vivência, portanto essas imagens se fazem valer dos fatos que aconteceram na época.

Com o passar do tempo, o homem foi se aperfeiçoando no modo de explicar, desenhando e tentando mostrar de forma ilustrativa o que se passava ao seu redor, contendo desde a pintura da pré-história até os desenhos que narravam aventuras de caça. No Japão, surgiram formas de quadrinhos contendo balões com uma estrutura já montada e agrupada em um mesmo quadro, existem desenhos datados de 1702. Até meados de 1930, os quadrinhos eram mais simples, contendo animações, temas suaves, com personagens menos problemáticas. A sociedade considerava o quadrinho como piada e o gênero predominante era o humor suave, não havia cenas eróticas nem tanta profundidade textual, o que os tornava apenas diversão. Com a queda da bolsa de valores de Nova Iorque, e a mudança de vários

fatores na estrutura econômica e social, desencadeou-se na sociedade um certo desespero. Os leitores necessitavam, naquele momento, de heróis para os salvarem de seus problemas, encontrando nos personagens dos quadrinhos, principalmente nos heróis com poderes surreais, a esperança de uma melhoria de vida. Com isso, a indústria cartunista alavancou no apogeu de sua cronologia. Houve, então, o seu conhecimento global, colocando as histórias em quadrinhos na mídia real.

Nos Estados Unidos, as histórias publicadas em tiras são denominadas *comic strips* (tiras cômicas) por terem caráter humorístico, este mesmo nome segue nos países de língua inglesa. Na França, são denominados *bandes dessinées* (tiras desenhadas). Na Itália, são conhecidos como *funetti* (fumacinhas ou balões que indicam falas dos personagens). Na Espanha, fica conhecido como *tebeo*, nome que se originou de uma revista infantil chamada TBO. Em Portugal, é chamado de *história aos quadrinhos*. No Japão, recebe o nome de *mangá*, e são publicadas em três versões: uma para rapazes, uma para moças e uma para crianças, cada um contendo características próprias. No Brasil, são conhecidas por dois nomes, *histórias em quadrinhos* ou *gibi*, este último significa moleque, nome de uma revista da Editora Globo publicada nas décadas de 1930 e 1940.

As agências que distribuem as revistas em quadrinhos tiveram e têm ainda um papel muito importante, pois são elas que contribuem para a distribuição das histórias para o mundo todo e controlam sua produção. Com a contratação dos desenhistas e o controle de distribuição, as agências permitem que a comercialização de tiras seja realizada por um preço mais baixo, o que impossibilita a sobrevivência de outros quadrinistas que não se englobam no esquema.

O quadrinista Henfil¹ teve seu contrato cancelado no exterior por apresentar em suas histórias um humor feroz que, conseqüentemente, não agradou ao público. Para conseguir o contrato novamente, Henfil participou de um concurso muito disputado, porém não garantiu a continuidade de suas histórias. O fato é que esse mercado de revistas em quadrinhos pressiona fortemente muitos artistas.

Segundo Mauricio de Sousa, em entrevista para a revista Vozes, os cartunistas brasileiros encontram muitas dificuldades:

O material americano foi até hoje o responsável pelo não aparecimento de desenhistas nacionais. Digo desenhistas nós tivemos vários, mas hoje estão-se

¹ Henrique de Sousa Filho, conhecido como Henfil, (1944 - 1988) foi um cartunista, quadrinista, jornalista e escritor brasileiro.

dedicando à publicidade ou foram para os Estados Unidos. É a velha lei da oferta e da procura. A estória estrangeira, não só americana, mas também a inglesa e algumas francesas, chega aqui a preço de banana. A tira de jornal está custando apenas um dólar. Ora, enquanto isso qualquer desenhista profissionalmente bom vai sentar à prancheta e desenhar uma tira que custa em homem-hora duas ou três vezes mais. Fatalmente ele vai vender para um só jornal porque não temos distribuidoras nem sindicatos nos moldes dos sindicatos americanos. A única tentativa no Brasil é a nossa redistribuidora aqui na Mauricio de Sousa Produções.

A venda de história em quadrinhos, para um jovem que começa, é difícil. Infelizmente, até eu estou concorrendo com os desenhistas brasileiros que estão surgindo por aí. Preciso vender minhas histórias pelo preço das histórias americanas, senão não coloco a produção do estúdio...

Quando houver mais equipes e mais condições provavelmente vai haver mais desenhistas de histórias em quadrinhos no Brasil e alguns excelentes estão no forno para sair (MAURICIO DE SOUSA apud HIGUCHI, 2002, p. 127-128).

Segundo José Alberto Lovetro, cartunista conhecido como JAL, o registro da primeira história em quadrinhos no Brasil aconteceu em 1869 com Ângelo Agustini e a criação do personagem Nhô Quim.

A preocupação com o nacionalismo presente nas obras românticas do século passado, e mais acentuada nos escritores modernistas, manifestará na produção das histórias em quadrinhos. Ziraldo, com Pererê e sua Turma, procura fazer uma obra com temática de nosso país para que o público, que só conhecia revistas americanas, visualizasse o que o Brasil tinha a oferecer. Para Moacyr Cirne, em seu livro *A linguagem dos quadrinhos* de 1971, afirma que Pererê está no campo dos quadrinhos mais marcantes dessa fase de 1960 a 1964, podendo ser um produto artístico ou ideológico. Cirne reproduz um comentário do próprio Ziraldo de 1969 sobre os concorrentes estrangeiros:

A revista daria mais trabalho do que suas concorrentes estrangeiras (Luluzinha, Bolinha, etc.) que já vinham dos Estados Unidos com os filmes de cor já prontos, só faltando tradução e as letrinhas de João Barbosa. O Pererê iria exigir um volume de produção bem maior, muito mais trabalho, muito mais gente, arte-finalistas, fotógrafos, selecionadores de cor, gravadores, etc. Mas os anos sessenta começavam no Brasil com uma grande euforia nacional, todo mundo entusiasmado com a ideia de fazer deste país uma grande nação, com cultura própria, pensamento próprio. Essa ideia era animadora e contagiante e de certa forma atingia a todos. A verdade é que, apesar de todas as dificuldades, todo mundo entrou com o maior ânimo da história. Inclusive Carlos Estevão e Péricles também foram convidados para criar suas revistas bem brasileiras, uma grande iniciativa da Empresa O Cruzeiro, no sentido de valorizar nossas coisas (ZIRALDO apud CIRNE, 1971, p. 31-32).

No Brasil, as histórias em quadrinhos alcançam um público variado, desde crianças até adultos, mostrando uma grande variedade de assuntos. Segundo Lovetro:

O Brasil desenvolveu seu mercado de quadrinhos mais voltado ao público infanto-juvenil. Histórias de humor e de super-heróis dominaram as bancas até pouco tempo. O desenvolvimento de um mercado de publicações adultas, com textos mais densos

e de valor plástico em nível de outras artes como a pintura, deu-se há pouco mais de uma década (LOVETRO, 1995, p. 96).

Como resultado, ocorreu uma melhora no nível de leitores e produtores de histórias em quadrinhos no país. Atualmente, os artistas nacionais são comparados aos estrangeiros, competindo de igual para igual artisticamente. Existem várias editoras neste setor e as tiragens são bem maiores que as de muitos livros, sendo que seu potencial de público é tão grande quanto ao do cinema.

As histórias em quadrinhos necessitam de textos para complementação, além das imagens. Segundo Iannone e Iannone (1998), essa linguagem própria para os quadrinhos aparece em três situações: nos diálogos, pensamentos dos personagens, nas legendas que expressam o discurso do narrador ou elemento exterior e nas onomatopéias, isto é, vocábulos que traduzem sons (click, smack, sniff, chuáá).

Podemos caracterizar esses balões dentro das histórias em quadrinhos onde há textos ou imagens em relação ao diálogo mantido pelos personagens e sonhos. Tradicionalmente, o balão usado aparece em formato arredondado e um rabicho em sua parte inferior que aponta para o personagem que expressa o texto contido nele, o que facilita a leitura e favorece a compreensão do conteúdo. Os balões apresentam um recurso a mais para o artista que irá transmitir sua mensagem.

O formato mais comum é o da fala (Fig. a), que apresenta todo o contorno em linha contínua. O balão do pensamento (Fig. b) tem o rabicho em forma de pequenas bolhas e o seu contorno é ondulado. O balão de grito (Fig. c) tem o contorno bastante tremido e irregular, esse formato é utilizado para emitir ruídos fortes, sons de aparelhos telefônicos, espanto, horror e irritação. O balão da onomatopéia (Fig. d) indica um conjunto do som, junto com a imagem.

Contudo, as formas pelas quais o artista optará serão variadas, pois dependerá de sua criatividade e o que ele quer expressar. Frequentemente, os cartunistas usam letras de forma maiúsculas, desenhadas à mão, seja no diálogo ou nos pensamentos. Na maior parte das vezes, ele só modifica as letras quando deseja traduzir expressões ou alguma coisa que foge da normalidade. Ao mudar o tamanho da letra para maior, demonstrará uma entonação de voz alta que poderá ser de firmeza, determinação ou vigor. Ao mudar para a letra menor, a entonação de voz será novamente modificada para um tom mais baixo que poderá indicar timidez ou receio. A seguir, apresentamos alguns exemplos:



Figura a: Balão Tradicional

Fonte: Disponível em: <<http://www.turmadamonica.com.br>> Acesso em 20 set. 2009.



Figura b: Balão Pensamento

Fonte: Disponível em: <<http://www.turmadamonica.com.br>> Acesso em 20 set. 2009.



Figura c: Balão Grito

Fonte: Disponível em: <<http://www.turmadamonica.com.br>> Acesso em 20 set. 2009.

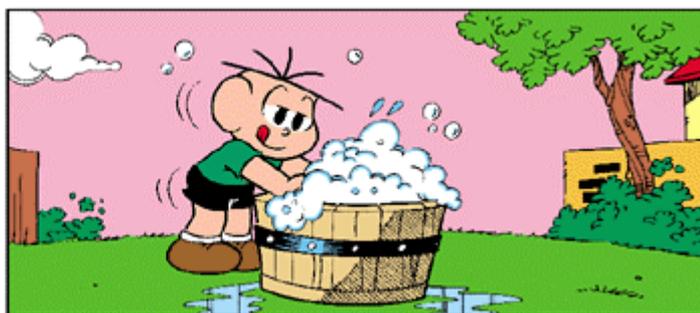


Figura d: Onomatopéia

Fonte: Disponível em: <<http://www.turmadamonica.com.br>> Acesso em 20 set. 2009.

Como vimos, o formato dos quadrinhos tem uma grande importância para a composição da fala do personagem. Sem as características específicas de cada balão não seria possível entendermos a mensagem transmitida em cada fala.

2.1 O mangá

O mangá é uma nova forma de história em quadrinhos que está para a sociedade japonesa, assim como os *comics* estão para os americanos e o gibi está para os brasileiros. A palavra mangá é constituída de uma união de dois ideogramas japoneses “man” (irrisório) e “gá” (imagens). Esse termo foi utilizado pelo desenhista Katsushita Hokusai em 1914 para apresentar e definir os *cartoons*, caricaturas e histórias em quadrinhos.

Considerado o “deus” do mangá, Osamu Tezuka revolucionou as histórias em quadrinhos japonesas, criando novas formas de narrativa, contemplando ângulos, ritmos cinematográficos e uma característica importantíssima dos personagens, os grandes olhos arregalados. Outra característica do mangá que diferencia das histórias em quadrinhos brasileiras, são que os personagens possuem cabelos pontudos, boca e nariz pequenos, porém, quando choram, a boca aumenta consideravelmente e as lágrimas são em forma de cachoeira, acentuando ainda mais a expressão. Segundo Açunciara Aizawa Silva, professora de mangá da história de desenho Ateliê de São Paulo, os desenhos japoneses são classificados por faixa etária e gênero contemplando vários nomes específicos.

Os principais são o Shonen Mangá, que é o mangá para meninos, e o Shojo Mangá, que é o mangá para as meninas. A diferença é que o Shonen tem mais ação e o Shojo tem mais romance. Como exemplo de mangá para meninos, cito Pokémon, Dragon Ball, Yo Yo Hakusho e para meninas, Sailor Moon. Mas no Brasil, essa divisão não existe muito, quem gosta de mangá acaba lendo tudo mesmo (SILVA apud VIEIRA, 2008).

De acordo com Cristiano Seixas, diretor do estúdio de criação e da escola Casa dos Quadrinhos de São Paulo, a década de 80 teve uma importância bastante significativa, pois foi nessa época que os primeiros mangás mais representativos chegaram ao país. "Lobo Solitário, que conta a história de um samurai que vaga com seu pequeno filho depois de brigar com seu chefe é um clássico e foi um dos primeiros, junto com Akira, a serem publicados no país". O mangá se difundiu para o mundo todo a partir da década de 90, com a ajuda dos animes, que são os desenhos animados da televisão japonesa.

Cavaleiros do Zodíaco foi a produção que abriu as portas definitivamente para a entrada de outros quadrinhos japoneses. Esse desenho até hoje faz sucesso e é lembrado por todos. Exibido há cerca de dez anos nas televisões brasileiras, ele exerce de alguma forma o crescimento dessa busca pelo mangá, que teve maior reconhecimento há cinco anos com a chegada de vários outros títulos no país.

A linguagem, os personagens e a narrativa própria do mangá, conquistaram cada vez mais adeptos no Ocidente. Rogério de Campos, sócio-proprietário e diretor editorial da Conrad, editora que publica nove títulos de mangá, entre eles, Pokémon, Cavaleiros do Zodíaco e Dragon Ball, afirma que metade das pessoas que não acompanham regularmente esses desenhos japoneses tem uma visão preconceituosa sobre esse tipo de produção. Ele diz que “Existe um clichê de que os mangás são violentos, o que não é verdade. Ao contrário dos quadrinhos ocidentais, que se baseiam em lutas, tiros e explosões, os japoneses, mesmo os de ação, podem ter vários episódios sem uma luta sequer”.

2.2 Maurício de Sousa e suas criações

Maurício de Sousa é um dos mais conhecidos cartunistas brasileiros e o criador das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica e de outras dez turmas, incluindo a Turma do Chico Bento, Turma do Bibu, Turma do Horácio, Turma do Penadinho, Turma da Tina, Turma do Papa-Capim, Turma da Mata, Turma do Piteco e Turma do Astronauta. Hoje, aos 71 anos de idade, é considerado o maior cartunista brasileiro e seus personagens e quadrinhos têm fama internacional, tendo sido adaptados para o cinema, para a televisão e para vídeo-game, além de terem sido licenciados para comércio em uma série de produtos com a marca dos personagens. Casado atualmente com Alice Keiko, tem dez filhos, onze netos e um bisneto. Muitos de seus personagens foram inspirados em seus filhos, os mais famosos são Mônica e Magali, que possuem os mesmos nomes das filhas do cartunista.

Maurício de Sousa nasceu em 1935, na cidade de Santa Isabel, interior do estado de São Paulo. Filho de Antonio Mauricio de Sousa, poeta e barbeiro, e Petronilha Araújo de Sousa, poetisa. Quando ainda tinha poucos meses, seus pais foram morar em Mogi da Cruzes onde estudou e começou a desenhar cartazes e ilustrações para rádios e jornais. Em São Paulo, foi trabalhar no jornal *Folha da Manhã* como repórter policial e também fazendo algumas ilustrações. Começou a desenhar histórias em quadrinhos em julho de 1959 quando o jornal aprovou seu primeiro personagem, o cãozinho Bidu e seu dono Franjinha, que deram origem aos primeiros personagens conhecidos da era Mônica. Nos anos seguintes, Maurício

criou outras tiras de jornal – Cebolinha, Piteco, Chico Bento, Penadinho – e páginas tipo tablóide para publicação semanal – Horácio, Raposão, Astronauta – que invadiram dezenas de publicações durante 10 anos. Bidu é o símbolo da empresa de Mauricio, a Mauricio de Sousa produções. Em 1963 Mauricio de Sousa cria, juntamente com Lenita Miranda de Figueiredo, a Folhinha de São Paulo página direcionada especialmente ao público infantil. No mesmo ano, Mauricio cria também o personagem Mônica inspirada em sua segunda filha. Mas foi em 1970 que a primeira revista *Mônica* foi lançada com tiragem de duzentos mil exemplares, dois anos depois foi lançada a revista *Cebolinha* e nos anos seguintes *Chico Bento*, *Magali*, *Pelezinho* e outras. Nos anos 80, foram lançados filmes e desenhos da Turma da Mônica, que compreendem os personagens Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão. Em 1993, foi construído em São Paulo o Parque da Mônica, um parque de diversão com os personagens da Turma da Mônica.

Os quadrinhos de Mauricio de Sousa têm fama internacional e foram adaptados para o cinema, para a televisão como desenhos animados e para videogames. Além disso, possuem uma série de produtos com a marca dos personagens que são licenciados para o comércio. A Turma da Mônica também possui histórias em quadrinhos e outros produtos licenciados em vários países. Nos Estados Unidos – *Monica's Gang* – na Itália – *La Banda di Monica* – na Indonésia - *Monika dan kawan kawan* – na Espanha – *Mónica y su pandilla*. Atualmente, seus personagens continuam a fazer muito sucesso. Mais adiante, trataremos com mais detalhes os que consideramos importantes. No dia 18 de julho de 2009, comemorou cinquenta anos de carreira, fazendo uma exposição em São Paulo em que lançou várias edições comemorativas, livros de contos e religiosos. Apesar das novas publicações, a Turma da Mônica continua sendo, mesmo com o passar dos anos, o maior sucesso de Mauricio de Sousa.

A Turma da Mônica corresponde a um grupo de personagens de histórias em quadrinhos que vivenciam situações cotidianas de crianças de sete anos de idade. As histórias se passam na cidade de São Paulo, no bairro do Limoeiro, uma possível referência ao bairro do Limão na Zona Norte da cidade. Porém, para criar o bairro do Limoeiro, Mauricio de Sousa disse que se inspirou em um bairro da cidade de Campinas chamado Cambuí, como este era na década de setenta. O Limoeiro é um local com muitas árvores, um campinho onde os meninos brincam, um lixão que era muito visitado pelo Cascão, e quase não havia ruas asfaltadas. Iremos, agora, descrever os personagens e suas principais características.

Personagem criado em 1963 e baseado em uma filha homônima de Mauricio de Sousa, Mônica é uma menina de sete anos que se autodenomina dona da rua onde mora. Tem

personalidade forte, é muito decidida, mas, ao mesmo tempo, carinhosa e apegada ao seu coelho de pelúcia, Sansão, usando-o, às vezes, como arma. Está sempre usando um vestido vermelho e sua melhor amiga é sua vizinha Magali. Com grande espírito de liderança, é dona de uma força física um pouco exagerada para sua idade. Odeia que façam comentários sobre sua altura e seus dentes, chamando-a de baixinha ou dentuça, quando isso ocorre Mônica usa seu coelho, Sansão, para atacar seus amigos. Seu principal provocador é o Cebolinha, vizinho e integrante da Turma. Sua revista própria foi lançada em 1970, e é uma das revistas de histórias em quadrinhos que mais vendem no Brasil, segundo Mauricio de Sousa. Ela é o personagem mais conhecido do cartunista e a sua característica marcante é seu nervosismo e o hábito de usar Sansão para revidar as provocações de Cebolinha.

Cebolinha é um personagem inspirado em um garoto de Mogi das Cruzes conhecido como Cebola que trocava a letra “r” pelo “l”. Criado em 1960, é um garoto que faz travessuras e tem o pensamento fixo de obter o lugar de Mônica, como dono da rua. Possui apenas cinco fios de cabelo espetados, o que caracteriza ainda mais seu nome. Inteligente e malandro adora fazer brincadeiras maldosas com os amigos tendo como principal alvo a Mônica. Cascão é o seu parceiro de aventuras, e articula em vão o que Cebolinha chama de “planos infalíveis” para conseguir o lugar de líder da Turma, ou para descobrir de onde vem a força física da Mônica, mas sempre acaba levando coelhadas da furiosa garota. Possui um problema de dilaslia, em que troca a letra “r” pela letra “l” e, esta é sua característica marcante. Teve sua própria revista lançada em 1973.

Cascão é o melhor amigo de Cebolinha. O personagem nasceu em 1961, baseado nas observações que Mauricio fazia de um menino da cidade de Mogi das Cruzes, que andava sempre sujo e detestava banho. Foi então que surgiu o Cascão que tem pânico a água e dá a entender que nunca tomou banho. Originalmente, o personagem era de um menino que vivia em um depósito de lixo, mas foi mudando para um garoto que recicla objetos velhos para fazer brinquedos. Mauricio afirma que “no início teve receio da reação do público para com este personagem com uma certa mania de sujeira”, porém a aceitação foi imediata e sua popularidade cresceu tanto que, desde 1982, tem sua própria revista. Possui uma personalidade alegre, e como melhor amigo de Cebolinha sempre o acompanha em seus projetos engenhosos contra a Mônica. Sua característica marcante é o pânico que tem de água.

Criada em 1963, o personagem Magali também é baseado em uma das filhas de Mauricio de Sousa. Além do mesmo nome, tem em comum o mesmo jeito de ser e um enorme apetite. É um dos personagens mais simpáticos da Turma, é uma menina doce, meiga, mas com uma imensa fome. Gosta de comer muito e devora toda comida que vê, inclusive a

comida dos amigos, tornando-se, às vezes, muito egoísta. Sua fruta favorita é melancia, detalhe em comum com a filha de Mauricio que, quando pequena, comia uma melancia inteira. O personagem, portanto, segue alguns de seus hábitos alimentares. Outro fator em comum é que a Magali, filha de Mauricio, possuía um gato siamês e o personagem Magali também possui um gato, porém da raça angorá, chamado Mingau. Magali teve sua primeira revista lançada em 1989. Ela é o único personagem que não briga com a Mônica, e sua característica marcante é o apetite exagerado.

Outro grupo de personagens que é muito conhecido e apreciado pelo público brasileiro é a Turma do Chico Bento. As histórias acontecem em uma cidade do interior de São Paulo, tipicamente caipira, com nome fictício de Vila Abobrinha, onde grande parte da cidade é composta por fazendas. Além das fazendas, a pequena Vila contém a escola da professora Maroca, a igreja do Padre Lino e alguns armazéns. Originalmente, os principais personagens eram o Zé da Roça e o Hiro (na época Zézinho e Hiroshi). Chico Bento era apenas um coadjuvante que apareceu nas tiras em 1963. A primeira revista foi lançada em 1962 com o título “A Turma da Roça”.

Chico Bento é um dos personagens mais queridos e conhecidos de Mauricio de Sousa. Representante do povo interiorano do Brasil é um menino caipira de aproximadamente sete anos de idade que anda sempre descalço, com roupas simples e chapéu de palha. Acorda antes do sol nascer e vai ajudar seu pai a trabalhar na roça. É um pouco preguiçoso e muito mentiroso, apesar de suas travessuras, é um menino bondoso que ama a natureza e os animais. Não se cansa de roubar as goiabas de seu vizinho Nhô Lau e sempre vai atrás de novas aventuras. Vai à escola, mas não gosta de estudar, tem se destacado apenas nas redações. Sua fala é apresentada com erros de ortografia retratando o dialeto caipira. Foi inspirado em um tio-avô de Mauricio de Sousa sobre quem ouvia muitas histórias contadas por sua avó.

A Turma do Chico Bento é composta por muitos personagens, citaremos apenas os mais importantes. Rosinha é a namorada do Chico, e diferentemente dele, não anda descalça, e sim, muito bem arrumada com seus vestidos de quermesse. Zeca é o primo da cidade que sempre está de visita na roça onde o personagem do Chico Bento vive. Zé Lelé é outro primo do Chico Bento, e um componente importante para o humor das histórias com sua grande ingenuidade. Zé da Roça era o personagem principal nas primeiras tiras. Hoje, é amigo de todos na roça e possui um português mais parecido com a fala da capital, São Paulo. Hiro, ou Hiroshi é um nissei (descendente de japoneses) e mantém as tradições orientais de seus ancestrais. Também possui uma fala sem sotaque caipira. Como uma fazenda tradicional,

Chico possui muitos animais e alguns são de estimação, como a galinha Giselda, a vaca chamada Malhada e o porco Torresmo.

2.3 Turma da Mônica jovem

Em agosto de 2008, Mauricio de Sousa lançou na Bienal do Livro de São Paulo uma nova revista, a Turma da Mônica Jovem, uma evolução dos personagens que agora são adolescentes. A nova revista se apresenta em formato semelhante ao dos *mangás* originários do Japão. Segundo Mauricio de Sousa, o sucesso da publicação foi muito grande, com mais de quatrocentos e dez mil exemplares vendidos contra duzentos mil que costuma vender a revista da Mônica ainda criança. Em entrevista a revista *Veja*, Mauricio de Sousa fala que “a mudança do personagem foi uma forma de se adaptar às transformações de uma sociedade em que a infância é cada vez mais curta”. (VEJA, fev. de 2009)

O primeiro exemplar da revista obteve um sucesso de vendas inesperado, esgotando cinquenta e sete por cento da tiragem inicial de oitenta mil exemplares apenas na primeira semana de lançamento. Segundo a editora multinacional italiana *Panini Comics*, que desde janeiro de 2007 possui os direitos de publicações da Turma da Mônica, foi necessário aumentar a tiragem para duzentos e trinta mil exemplares devido ao sucesso inicial de vendas. As edições posteriores tiveram uma tiragem, em média, trezentos e setenta e cinco mil exemplares, e as quatro primeiras edições venderam juntos mais de um milhão e meio de exemplares. Em caráter de comparação, o jornal *O Estado de São Paulo* tem uma tiragem de duzentos e sessenta mil, *O Globo* alcança trezentos e sete mil. A nova fase da Turma da Mônica tem sido o maior sucesso da história em se tratando de quadrinhos no Brasil, é o que afirma a editora das revistas de Mauricio de Sousa.

Mauricio de Sousa afirma em entrevista a revista *Veja* que “as crianças passaram a considerar a Turma da Mônica coisa de criança e então começaram a comprar Mangás japoneses”. Pensando em uma maneira de não perder esses leitores, resolveu oferecer a eles um pouco do universo jovem. Os personagens são os mesmos, porém as histórias mudaram. Além de passarem para a fase da adolescência, os personagens estão inseridos em histórias mais focadas em relacionamentos, protagonizam cenas de ciúme, sentem atração pelo outro sexo, ficam inseguros em meio ao grupo e lutam com forças sobrenaturais, característica proveniente do estilo mangá. Possuindo cento e vinte páginas, o formato é um pouco maior que os gibis tradicionais, a história nem sempre termina ao final da mesma

revista, e mantém o preto e branco dos mangás. Iremos abordar, agora, os personagens e suas novas características.

O personagem Mônica cresceu e agora é uma adolescente. Mesmo assim, ainda tem seu coelho de pelúcia Sansão e ainda o usa quando é necessário. Continua uma garota meiga e alegre, mostrando-se madura e segura. Magali ainda é sua melhor amiga. Desde que era criança, Mônica é a líder do grupo, e isso continua, mas com uma pequena diferença: ela tem tido um grande amor por seu amigo Cebola e não consegue esconder esse sentimento. Mônica continua dentuça e quanto ao seu peso, desde que tinha 12 anos, ela faz regime.

Cebolinha agora prefere ser chamado simplesmente de *Cebola* e continua um garoto esperto e muito inteligente. O cabelo cresceu, mas mantém a velha forma. Não faz mais "planos infalíveis" para derrotar a Mônica e se tornar o dono da rua, ele quer conquistar o mundo com os seus projetos para um planeta melhor. Não troca mais os “r” pelo “l”, desde quando passou a fazer um tratamento com uma fonoaudióloga, mas quando fica nervoso acaba trocando as letras, isso acontece normalmente durante os jogos de *video game* e na frente de meninas, principalmente de Mônica. Escondia o seu amor pela Mônica na infância, mas em Turma da Mônica Jovem não consegue mais esconder esse sentimento.

Cascão é um garoto com um estilo bem peculiar e muito difundido entre a juventude chamado *skatista*, no qual seus adeptos adotam um estilo de vestimenta, maneiras de falar, além de praticarem o esporte na prancha com rodinhas. Agora ele toma banho; não gosta disso, mas toma por causa de Maria Cascuda, por quem é apaixonado. Adora praticar esportes, sendo um de seus favoritos o *parkour*², também é a estrela do time de futebol do Colégio do Limoeiro. Cascão ainda tem seu quarto bagunçado, para desespero de sua mãe, e é fã de quadrinhos e ficção científica.

Magali ainda é comilona, mas de uma maneira saudável. Preocupa-se com sua alimentação e pratica esportes, ela joga *softbol*³ na escola e tem uma queda pelo professor Rubens, de Ciências. Continua sendo a melhor amiga de Mônica. É meiga, carinhosa e adora

² Parkour, em português, arte do deslocamento. É uma atividade cujo princípio é mover-se de um ponto a outro o mais rápida e eficientemente possível, usando principalmente as habilidades do corpo humano. Criado para ajudar a superar obstáculos de qualquer natureza no ambiente circundante — desde galhos e pedras até grades e paredes de concreto — e pode ser praticado em áreas rurais e urbanas.

³ O softbol foi inventado por George Hancock em 1887 nos EUA. Foi criado como uma variação mais leve do baseball (soft é “leve” em inglês), por isso tornou-se uma modalidade mais popular entre as mulheres.

gatos, para desespero de seus pais, pois a família de felinos cresceu após a adoção de Aveia, uma gatinha.

3 A relação da criança e do adolescente com as histórias em quadrinhos: algumas reflexões

Nesta parte, abordaremos rapidamente a relação da criança e do adolescente com a linguagem e com as histórias em quadrinhos. Refletiremos, primeiramente, sobre algumas teorias de aquisição da linguagem e, em seguida, o uso da linguagem pelos adolescentes, não apenas como forma de expressão, mas como um meio de manter a identidade e consciência grupal. Posteriormente, abordaremos como isso é marcado nas histórias em quadrinhos e a sua relação de influência e identificação estabelecida com a criança e com o adolescente.

Segundo a psicologia, existe um período sensível para a linguagem, aproximadamente entre os dois anos de idade e a puberdade. Alguns estudiosos do assunto dizem que esse período consiste no tempo em que a experiência linguística tem um impacto particular e significativo no nível linguístico. É nesse período que o cérebro está amadurecido e flexível, pronto para adquirir a linguagem.

Já o estudioso Noam Chomsky, em seus estudos de aquisição da linguagem, diz que cada pessoa nasce com um equipamento mental que lhe possibilita descobrir as regras para absorver sentenças aceitáveis. Segundo Chomsky, as crianças são pequenos cientistas que testam suas hipóteses quando expostos a determinada linguagem, descartando antigas e adotando novas quando necessário. Essa teoria é chamada de Inatismo:

Chomsky (1965) propõe que a criança tem um dispositivo de aquisição de linguagem (DAL) inato que é ativado e trabalha a partir de sentenças e gera como resultado a gramática da língua à qual a criança está exposta (SANTOS, 2004, p. 220).

Outro grande estudioso da linguagem e do pensamento infantil, Jean Piaget, vincula a linguagem relacionada à cognição, dando grande valor à experiência. Ele afirma que a criança vai construindo seu conhecimento com base nas experiências do mundo físico, da interação entre o mundo e a criança. Sua teoria é chamada de Cognitivismo e contempla alguns estágios de desenvolvimento cognitivo: sensorio-motor (zero a dois anos), pré-operatório (dois a sete anos), operações concretas (sete a doze anos) e operações formais.

Para Piaget, a criança possui um discurso egocêntrico, ou seja, a criança fala consigo mesma, uma fala não socializada. Nesse sentido, podemos citar:

Não há intenção de se comunicar, não há preocupação com o interlocutor (nem se há interlocutor), ela não tem nenhuma função social. Segundo Piaget, a maior parte dos discursos de crianças em idade pré-escolar é egocêntrico. Por volta dos sete anos esse discurso tende a diminuir, até desaparecer, enquanto o discurso socializado ganha espaço (SANTOS, 2004, p. 223).

A socialização do indivíduo através da linguagem é um importante processo para analisarmos nas questões dessa pesquisa. Essa interação é que possibilita a averiguação dos processos de pensamento e expressão que a criança faz a partir do momento que começa a se socializar e a se sentir inserida do meio em que vive. Ao abordarmos a questão da linguagem do adolescente, veremos que a socialização também constitui um fator relevante e é evidenciado através da linguagem, como forma de inserção em um grupo.

A partir dessas afirmações, não podemos deixar de citar o estudioso Lev S. Vygotsky que, assim como Piaget, estava interessado na relação entre língua e pensamento com uma maior atenção na função social da fala. Vygotsky afirma que “no processo de desenvolvimento cultural da criança toda função aparece primeiro no nível social e mais tarde no nível cultural” (SOUSA *et al*, 2000, p. 26). Sua teoria é chamada de Interacionismo e também dá importância ao interlocutor no processo de aquisição da linguagem, apontando para o papel do adulto como quem cria uma intenção comunicativa, como o facilitador desse processo de aquisição. Outro aspecto importante é que para Vygotsky a fala egocêntrica tende a ser interiorizada como o passar do tempo, diferentemente da afirmação de Piaget, de que a fala interiorizada não tem função no pensamento e desaparece quando a criança se socializa. Segundo a estudiosa Raquel Santos:

Para Vygotsky, a fala egocêntrica é um instrumento de que a criança faz uso para buscar e planejar a solução de um problema, e tende a ser interiorizada.(...) A fala egocêntrica também funciona como auxiliar externo para que a criança solucione tarefas, serve para ajudar a criança a superar dificuldades.(...) à medida que a criança cresce, esse discurso (fala) tende a internalizar-se (SANTOS, 2004, p. 224).

As teorias de aquisição da linguagem citadas acima abrangem diferentes aspectos e características em seus processos, mas, de alguma maneira, todos comprovam que o cérebro da criança trabalha focado em adquirir novos conhecimentos linguísticos desde que ela nasce, e que esses conhecimentos são um reflexo do meio em que se desenvolve. Existe uma importância do meio para a aquisição da linguagem, da aprendizagem através das

relações sociais, pois esta contribui para a construção do conhecimento e pela conquista do mundo a sua volta.

Ao analisar alguns fatores que levam a criança a interagir com o mundo externo, percebemos que a leitura constitui um processo produtivo e necessário para o conhecimento de mundo e para contribuição no aprendizado. Segundo a estudiosa Valéria Aparecida Bari, as histórias em quadrinhos constituem uma forma importante na formação de leitores:

Na verdade, os quadrinhos se tornaram quase sempre o primeiro contato de várias gerações de crianças com o aprendizado da leitura e da escrita e de entretenimento, além de um objeto de grande valor afetivo, sempre ligado à infância.(...) A Leitura de histórias em quadrinhos forma leitores que gostam de todo tipo de leitura, com a vantagem de criar também a cultura de leitura infantil e comunidades leitoras de grande abrangência (BARI apud JUNIOR, 2008).

A estudiosa também afirma que as histórias em quadrinhos auxiliam muito na memorização, habitua as crianças à leitura e estimulam a reprodução e produção própria de suas histórias. Nesse sentido, também sabemos que as histórias em quadrinhos estimulam a imaginação, como afirma o cartunista José Alberto Lovetro:

Outro fator importante que acontece com os quadrinhos, é a possibilidade de podermos imaginar as vozes dos personagens. É diferente de um livro, por exemplo, que não nos oferece esse tipo de apelo visual. Quando lemos e vemos o personagem daquela fala a tendência é interpretá-lo com maior dramaticidade e convicção (LOVETRO, 1995, p. 94).

Lovetro também afirma que o impacto visual é o que impulsiona a vontade de ler, pois existe uma identificação com o personagem e, conseqüentemente, à vontade de ler suas histórias. Essa formação de texto e imagem, acrescidos do teor cômico, característico das histórias em quadrinhos, acaba atraindo o leitor e motivando a leitura, não só de crianças, mas também de adultos e adolescentes. Lovetro diz que o “encanto do desenho” atrai alunos de diversas idades em várias cidades do país, independente do sexo ou idade. Nesse ponto também queremos abordar os aspectos que envolvem a linguagem na fase da adolescência.

A fase da adolescência é o próximo ponto crucial para entendermos a socialização do indivíduo. Essa fase compreende desde a transição da criança para a puberdade, período que se inicia aproximadamente aos dez anos, até os dezenove anos, período em que o indivíduo é considerado pronto para entrar no mundo adulto. É uma fase complexa em que as mudanças trazem sentimentos oscilantes, como da intensa depressão à

mais profunda felicidade, da total segurança à indecisão, e tudo isso reflete na linguagem.

Segundo Bulhões:

[...] é importante analisar a influência que os vocábulos usados por seus representantes exercem nas várias camadas da sociedade, pois eles passam a fazer parte do linguajar cotidiano e interferem na comunicação.

A linguagem de uma faixa etária tão expressiva como a dos adolescentes oferece material bastante rico para os estudantes linguísticos. Daí a importância de focalizar os neologismos presentes no léxico desse grupo, que se associa a aspectos semânticos, discursivos, gramaticais e estilísticos da língua portuguesa (BULHÕES, 2007, p. 53).

Para refletirmos sobre a linguagem usada pelos adolescentes, é necessário que consideremos os aspectos físicos, sociais e psicológicos para um melhor esclarecimento dos fatores que influenciam a essência da comunicação dessa faixa etária. Primeiramente, nos fatores biológicos e fisiológicos, temos a puberdade que é um período transitório de muitas mudanças, e levam a criança a adquirir características de um adulto. Muitos estudiosos acreditam que as mudanças psicológicas é que ativam as mudanças fisiológicas, como afirma Tânia Zacury em seu livro *Encurtando a adolescência*:

A televisão parece ser outro fator determinante. Nossos filhos assistem hoje, desde muito pequenos a programas e filmes, dirigidos a adultos, com temática complexa. A exposição continuada a este tipo de programação faz com que as crianças adotem, muito cedo, posturas, comportamentos gestos, formas de vestir, andar e agir – e até pensar – de adultos (ZACURY, 1999, p. 20).

A puberdade precoce é um assunto atual que envolve muitos fatores. Nesta pesquisa é apenas citado como referência a comportamentos apresentados pelos adolescentes que acabam ativando muitas mudanças, tanto no físico como na linguagem. Na verdade, o fator psicológico está extremamente relacionado ao social, pois o adolescente, mediante o desafio do mundo adulto, necessita ser aceito, adotando certos hábitos para que, de algum modo, se diferencie dos outros. Ao adotar uma linguagem peculiar, o indivíduo encontra uma forma de explicitar-se de uma maneira única e que apenas os falantes de determinada variável poderiam interagir de forma clara.

A gíria, portanto, se torna um tipo de senha, na qual o falante deve manejar para conseguir acesso a certos grupos. Atualmente, a gíria é uma variável muito conhecida e valorizada, usada pela maioria dos falantes adolescentes. É uma linguagem jovial que, ao ser usada, coloca o falante em um nível de indivíduo atualizado, que está consciente das inovações sociais vividas no cotidiano. Por outro lado, também é rejeitada em certos ambientes, em que seu uso acaba prejudicando o falante por ser uma linguagem informal,

como por exemplo, no trabalho, ao falar em público ou, até mesmo, mediante pessoas que não fazem uso dessa variante.

A gíria, segundo a estudiosa Simone Bulhões, além de manter a identidade e consciência de grupo, tem o objetivo de auto-afirmação, que leva o adolescente a buscar meios para impor sua expressão linguística.

4 Análise

Neste item, analisamos em primeiro momento a linguagem inserida em dois contextos diferentes. No primeiro caso, usaremos como *corpus* a Turma da Mônica que vive na cidade, são crianças com sete anos de idade. Em seguida, o *corpus* analisado será a linguagem do Chico Bento, uma criança na mesma idade das demais, porém, que vive na roça, ou seja, em um contexto social diferente do restante da Turma. Por último, analisaremos a linguagem da Turma da Mônica Jovem, um grupo de adolescentes com idade média de quinze anos e que vive na cidade.

Pretendemos com essa análise, identificar as variações linguísticas presentes em diferentes faixas etárias e em diferentes regiões e/ou contextos sociais. Outro ponto importante de nossa análise será demonstrar como acontece o preconceito linguístico em torno do usuário de variantes linguísticas menos prestigiadas. Segue abaixo o primeiro exemplo que iremos abordar.

4.1 A linguagem infantil

Nos quadrinhos que seguem, podemos observar a estrutura da linguagem específica da criança. Em um primeiro momento, podemos identificar a inocência das crianças quando conversam com o Ano Novo. Na imaginação da Turma, ele deixa de ser apenas uma situação e se materializa conversando com eles, ou seja, está próximo a elas em um mesmo contexto. Para a organização de nossa análise, apresentaremos a história em quadrinhos de forma fragmentada, entremeada por nossos comentários, mas fazem parte de uma mesma história.



Figura 1 – Diálogo inicial com o Ano Novo

Fonte: <<http://www.turmadamonica.com.br>> Acesso em: 20 set. 2009

Durante a conversa, o Ano Novo quer saber se eles já fizeram suas promessas para o início de um novo tempo. Nesse momento, podemos perceber como a criança é simples em sua fala, eles contam seus planos exatamente como imaginam, sem a preocupação com a maneira de falar. Essa falta de preocupação para com a maneira de falar é que faz com que a fala da criança seja espontânea, ela não se preocupa com as normas impostas pela gramática ou pela sociedade.



Figura 2 – Promessas para o Ano Novo

Fonte: <<http://www.turmadamonica.com.br>> Acesso em: 20 set. 2009

No próximo quadrinho, segue uma discussão entre as crianças que interfere no que foi dito pelo outro. A criança de sete anos está num processo de exteriorização da fala, portanto, é sincera e fala o que pensa. No diálogo abaixo, cada personagem questiona a promessa feita pelo amigo. Percebemos também que existe uma entonação de voz que indica uma alteração no humor, podemos verificar isso pela estrutura da linguagem do balão.



Figura 3 – Início da discussão

Fonte: <<http://www.turmadamonica.com.br>> Acesso em: 20 set. 2009

Esse diálogo passa de uma simples divergência para uma discussão em que há ataques mútuos, um exemplo disso é a fala do personagem Cebolinha em relação ao personagem Mônica: “Ah, ah! A golducha?!”. Essa fala é característica de uma criança num momento de provocação. Após essa fala a discussão fica mais intensa e percebemos o início de uma briga. O embate deixa de ser verbal para se tornar físico. No quadrinho abaixo, Mônica decide revidar as provocações feitas e, como é característico de seu personagem, parte para agressão física. Outro aspecto que observamos é a linguagem formal falada pelos personagens. Assim, como o estudioso Chomsky afirma que a criança desenvolve a linguagem a que está exposta, podemos presumir que esses personagens vivem em um ambiente em que a comunicação se dá pela norma culta. Também podemos presumir que o autor dos quadrinhos considere interessante que os personagens, sendo crianças, não possuam uma linguagem muito contaminada, ou seja, ainda sem o uso de termos provenientes do convívio com os diversos tipos de variação, pois o seu contexto social é apenas com crianças da mesma faixa etária.



Figura 4 – Conclusão da história

Fonte: <<http://www.turmadamonica.com.br>> Acesso em: 20 set. 2009

Nessa fase da criança, identificamos também, uma forma de preconceito linguístico no momento em que elas passam a frequentar a escola e se deparam com professores que fazem com que as mesmas acreditem que o modo de falar aprendido em casa ou em sua comunidade está errado e que a maneira correta é somente aquela proposta pela gramática e pelos livros didáticos. Quando isso acontece, a criança é forçada a abandonar a linguagem adquirida e orientada a utilizar somente a linguagem ensinada pela escola.

O ideal, nesse momento, seria que o professor auxiliasse o aluno na aprendizagem da norma culta e mostrasse a ele a importância de saber alternar suas falas de acordo com cada situação.

4.2 O dialeto caipira

Nas histórias do Chico Bento, podemos encontrar uma forma original de se expressar típica do caipira do interior. Em meados dos anos 80, a forma de falar do personagem causou grande polêmica por reproduzir o dialeto caipira ao invés da norma culta do português. Muitos alegavam que a forma de Chico Bento se expressar ensinava as crianças a falarem errado. Nesse sentido, faremos alusões às falas do quadrinho seguinte.

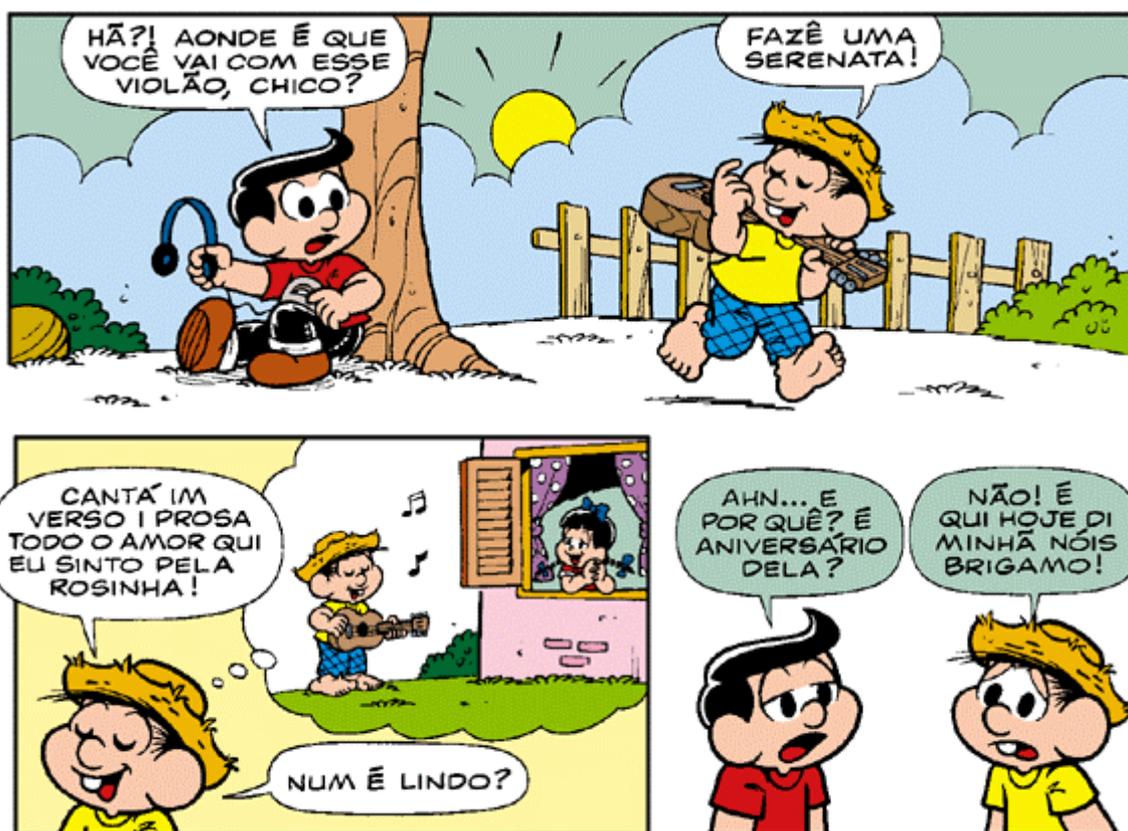




Figura 5 – Quadrinho do Chico Bento

Fonte: <<http://www.turmadamonica.com.br>> Acesso em: 20 set. 2009

Podemos observar nos quadrinhos, um contraste entre uma criança da cidade e outra do interior. A primeira e principal diferença entre os dois personagens é a forma de falar que cada um deles apresenta.

O personagem de Zeca (o primo da cidade), fala “corretamente”, ou seja, faz “corretamente” a conjugação de verbos e pronuncia adequadamente todas as palavras enquanto que Chico Bento reproduz formas que são típicas do caipira como: a redução do -r no infinitivo, ele pronuncia “fazê” ao invés de fazer, “cantá” ao invés de cantar, “prová” ao invés de provar. Outros aspectos importantes da linguagem do personagem que também reproduzem o dialeto caipira são: a alternância da vogal e em i; da vogal o em u; do l em r, por exemplo: “... *im verso i prosa...*”, “*É qui hoje di minhã...*”, “*cumigo*”, “*impricô*”. Além desses aspectos, outra coisa que podemos verificar no personagem que o diferencia também do primo da cidade é a pronúncia de expressões como: “*Num é lindo?*”; “*nóis brigamo*”.

O preconceito verificado nesse quadrinho trata-se da forma como os personagens são apresentados. O primo da cidade além de falar bem, mesmo sendo criança, é bem vestido, aparece usando sapatos e, na maioria das vezes, carregando objetos de última geração como *disckman*, *CD's*, *notebooks*, e outros. Já o personagem Chico Bento, aparece

sempre com uma roupinha velha, descalço e sempre carregando objetos que são típicos de sua comunidade como enxadas, violão, vara de pesca, dentre outros.

Dessa forma, podemos constatar que quando o preconceito linguístico em torno do dialeto caipira acontece, ele não está somente na forma de falar do indivíduo, mas passa a ser um preconceito social contra o falante.

4.3 O uso de gírias pelos adolescentes

Com a finalidade de exemplificar e analisar o uso de gírias na linguagem dos adolescentes utilizaremos, agora, alguns quadrinhos retirados da revista da Turma da Mônica Jovem.

Nessa nova fase da Turma da Mônica, encontramos grandes mudanças não só na estrutura da revista e dos quadrinhos, mas também nos novos hábitos e na linguagem dos personagens que agora caracterizam a maneira do jovem se relacionar com a sociedade atualmente. Ao analisar a revista, verificamos o quanto a nossa linguagem cotidiana está repleta de gírias e neologismos, uma variação linguística que domina a linguagem da grande maioria dos adolescentes. Nas tiras a seguir, poderemos identificar a mudança linguística ocorrida na fala de cada personagem e poderemos perceber o quanto isso é comum na fala dos adolescentes nos dias de hoje.

No quadrinho seguinte, analisaremos a fala do personagem principal, a Mônica. Ela está com nova aparência e totalmente moderna, pois se tornou uma adolescente. O mesmo ocorre com seu linguajar que mudou para se adaptar ao meio social em que ela vive agora. Mônica e seus amigos moram na maior capital brasileira, São Paulo. Diante disso, podemos afirmar que os personagens representam a fala de pessoas que vivem em um ambiente onde se valoriza a tecnologia e outros avanços da modernidade. É exatamente nesse contexto que averiguamos o aparecimento excessivo da gíria.

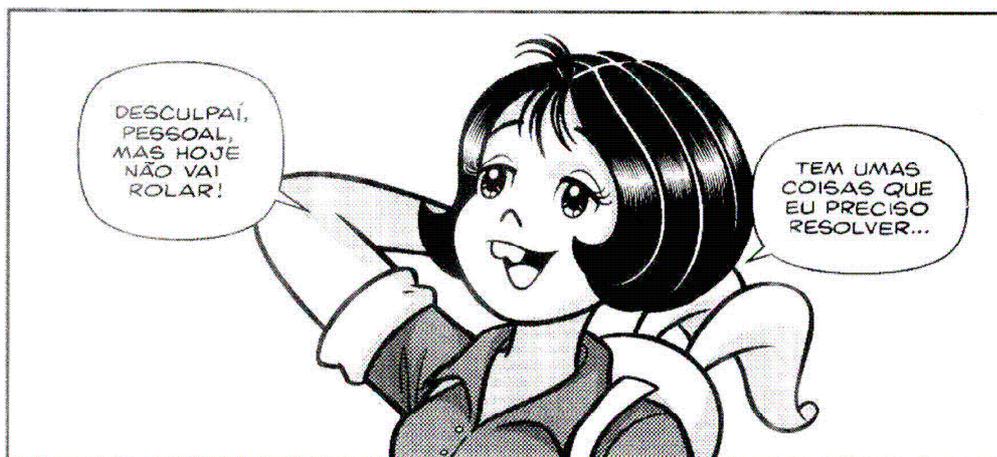


Figura 6 – Quadrinho Mônica adolescente
Fonte: Revista Turma da Mônica Jovem, nº 10

Na fala da Mônica temos a expressão “*descupaí pessoal*”, que pode ser entendida sem nenhuma dificuldade por qualquer falante do português brasileiro. Ao analisarmos mais profundamente o termo utilizado, podemos entender a expressão “*descupaí*” como um pedido de desculpas a alguém e verificamos, também, o neologismo formado a partir da junção entre as palavras “desculpa” e “aí”. Em seguida, Mônica usa a expressão “*não vai rolar*” que pode ser entendida como o descumprimento de algum compromisso ou simplesmente pode ser usada para informar que alguma coisa deixará de ser feita, ou seja, não acontecerá. Podemos afirmar que tais expressões não são estranhas ao falante de língua portuguesa, pois a maioria das pessoas convive diariamente com expressões como essas.

Apesar de valorizada entre os jovens, a gíria, muitas vezes, é rejeitada por outros falantes que não a utilizam. Por se tratar de uma linguagem informal a gíria não é aceita em certos ambientes, principalmente locais ligados a trabalho e exposição em público. Esse fator constitui um preconceito linguístico, pois o falante passa a ser visto de maneira diferente simplesmente porque ele fala de uma forma diferente a dos demais. Assim como a linguagem do caipira, a gíria é outro exemplo de variação linguística que sofre muito preconceito por ser vista como uma linguagem inferior quando comparada à norma culta.



Figura 7 – Quadrinho Mônica e Cebola
Fonte: Revista Turma da Mônica Jovem, nº 10

Nesta tira, encontramos a palavra “*desencana*”, também muito utilizada por adolescentes e que é o mesmo que dizer “fica despreocupado”, “fica tranquilo”. Outro fator que queremos abordar nesse quadrinho é o contexto da situação que ocorre muitas vezes na fase adolescente. O personagem Cebolinha, ou melhor, Cebola quando criança possuía um problema de dislalia, em que ao falar trocava as letras “r” pelo “l”. Na nova fase da Turma, esse personagem fez um tratamento com fonoaudiólogos, mas nos momentos em que fica nervoso ou envergonhado não consegue controlar e acaba trocando as letras. Isso ocorre principalmente quando ele está perto de meninas, neste caso a Mônica. Podemos verificar que ao invés de pronunciar a palavra “pra” pronuncia “pla”. Observamos frequentemente esse tipo de comportamento nos adolescentes, quando se encontram em alguma situação que lhes traga insegurança, a primeira reação é percebida na fala, na maneira de se expressar linguisticamente. Este é o contexto verificado nesta tira, quando o personagem Cebola recebe um elogio da Mônica, ele se vê em uma situação inesperada e traduz na fala todo seu nervosismo.

Outro quadrinho pode ser observado e analisado.



Figura 8 – Quadrinho Mônica e Magali
Fonte: Revista Turma da Mônica Jovem, nº 10

Nesta tira, observamos o uso de expressões como “*superfã*” e gírias como “*pagar mico*”. Essas expressões são mais típicas do universo adolescente e expressam situações com que eles convivem no cotidiano. A primeira refere-se a algo ou a alguém a quem se admira muito, um fã exagerado. Existe nesta palavra novamente um neologismo formado com a junção das palavras “*super*” e “*fã*”. Ao usá-las dessa maneira, o falante expressa maior intensidade ao que está sendo dito.

Neste quadro, também encontramos um dos recursos visuais utilizados pelo mangá para expressar os sentimentos dos personagens. Os corações no lugar dos olhos deixam claro o sentimento de Magali em relação ao professor. Essa característica do mangá mostra como, muitas vezes, a linguagem visual nos quadrinhos é importante, ela faz com que o leitor entenda o enunciado através do contexto visual e não apenas através das palavras. Em todos os quadrinhos escritos com a estrutura do mangá podemos observar o uso desse tipo de recurso que faz com que o leitor perceba através da fisionomia dos personagens um contexto que só poderia ter sido entendido a partir da linguagem.

Vejamos no próximo quadrinho uma gíria encontrada na fala do Cascão, que é o personagem que mais usa gírias nessa fase adolescente.



Figura 9 – Quadrinho Mônica e Cascão
Fonte: Revista Turma da Mônica Jovem, nº 10

Na fala do Cascão, encontramos uma das gírias mais comuns utilizadas atualmente entre os adolescentes, “*se liga*”. “Se liga” quer dizer “acorda”, “se atualiza”, o personagem deixa isso ainda mais evidente quando diz a Mônica que “*esporte com bola é coisa do milênio passado*”. O uso da expressão “*milênio passado*” produz um exagero com relação ao tempo, ou seja, quer dizer que “esporte com bola é coisa de muito tempo atrás, coisa que não se usa mais” e por isso inferimos que o personagem do Cascão está querendo dizer que a Mônica está totalmente desatualizada.

Observamos ao longo desta análise que a gíria é atualmente uma variante muito comum entre a maioria dos adolescentes e jovens e que é entendida pelos ouvintes, portanto, todos podem usá-las como meio de comunicação tendo em vista a situação da fala, pois, quando a gíria aparece em um contexto formal, o falante pode ser vítima do preconceito linguístico existente com relação a essa variante linguística.

4.4 Cadê o Chico Bento jovem?

Com o objetivo de analisar a linguagem do jovem que convive em um meio social diferente ao da Turma da Mônica procuramos pelo personagem do Chico Bento jovem, pois acreditamos que ele contribuiria muito para a realização de uma análise comparativa entre a linguagem dos adolescentes da cidade e a linguagem dos adolescentes vindos de um contexto diferente, no caso o Chico Bento, do meio rural. Constatamos, nesse momento, que o personagem do Chico Bento jovem não foi criado e que muitos leitores das histórias em quadrinhos cobram isso do cartunista Mauricio de Sousa. Apesar de o Chico Bento não fazer parte exatamente da Turma da Mônica, pois ele tem sua turma específica, ele é um personagem muito famoso entre as criações de Mauricio de Sousa e, por conta disso, os leitores esperavam encontrá-lo também na fase adolescente.

Em resposta aos leitores que cobraram a criação do Chico Bento jovem, encontramos na revista número dez da Turma da Mônica Jovem a seguinte explicação escrita pelo próprio Mauricio de Sousa.

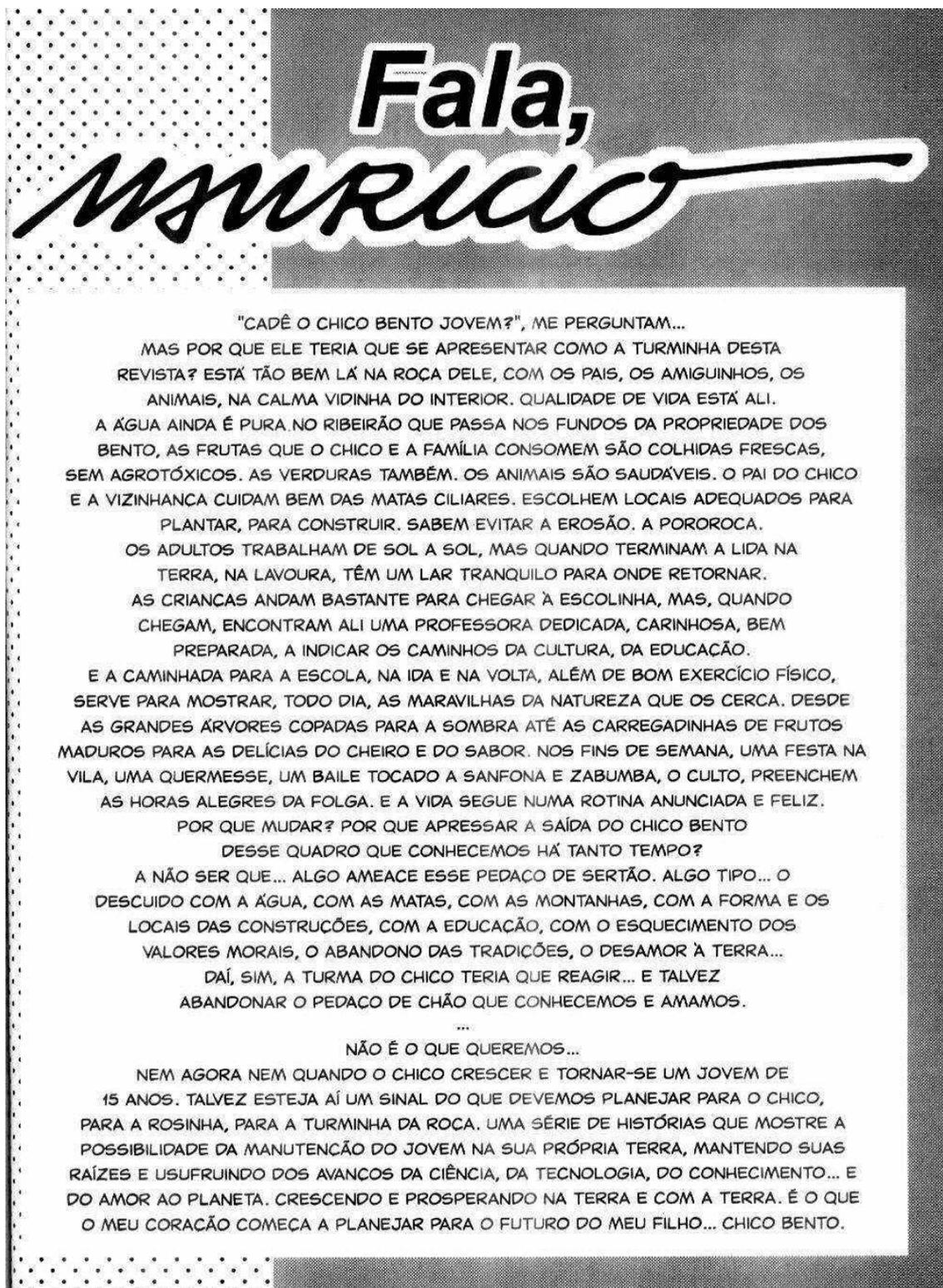


Figura 10 – Cadê o Chico Bento Jovem?

Fonte: Revista Turma da Mônica Jovem, n° 10

Já no início da fala de Mauricio de Sousa, podemos verificar um preconceito existente com relação ao caipira, o cartunista diz que Chico Bento “está tão bem lá na roça dele”, mas, com quinze anos de criação, o personagem necessariamente precisa continuar vivendo na roça? Ele não poderia estar agora na cidade? Ou, ainda, a roça não poderia ter um avanço proporcional ao contexto atual das cidades do interior paulista, que é o contexto vivido pelo personagem?

O cartunista continua sua explicação dizendo que qualidade de vida está ali, na roça do Chico Bento, onde a água é pura, as frutas e verduras são colhidas frescas e sem agrotóxicos, a vizinhança cuida das matas e tudo continua como antes, ou seja, nem mesmo as características do lugar tiveram mudanças, tudo continua exatamente como antes. Mauricio de Sousa diz quase no final dessa carta explicativa que não há necessidade de tirar o personagem desse lugar tão calmo “a não ser que... algo ameace esse pedaço de sertão”, ou seja, encontramos nessa fala um pensamento típico da sociedade que pensa que o caipira só reage e evolui por necessidade.

Será que a inexistência do personagem jovem não se dá simplesmente porque a sociedade atual pensa que o caipira seja incapaz de evoluir? Ou porque seria muito difícil para o cartunista criar um linguajar específico do caipira jovem? O Chico Bento não poderia ter estudado e adquirido uma linguagem mais próxima àquela ensinada pela norma culta?

Mauricio de Sousa termina sua explicação deixando em evidência uma hipótese de que o personagem do Chico Bento jovem poderá ser criado, e diz que para que isso aconteça, ele precisa antes ser planejado, ou quem sabe, reformulado.

Talvez esteja aí um sinal do que devemos planejar para o Chico, para a Rosinha, para a Turma da Roça. Uma série de histórias que mostre a possibilidade da manutenção do jovem na sua própria terra, mantendo suas raízes e usufruindo dos avanços da ciência, da tecnologia, do conhecimento... e do amor ao planeta, crescendo e prosperando na terra e com a terra. É o que o meu coração começa a planejar para o futuro do meu filho... Chico Bento. (SOUSA, 2009, p. 23)

No trecho acima percebemos que a criação de um personagem caipira jovem implica em muitos fatores, pois o autor necessita “planejar”, talvez de uma maneira cuidadosa para não tirar as “raízes” dos personagens. Na verdade, observamos a dificuldade em criar um personagem caipira jovem, em todos os sentidos, tanto visualmente, como em seu linguajar. Acreditamos que a expressão “manutenção do jovem na sua própria terra” deixa subentendido

que o jovem caipira não usufrui da tecnologia e dos avanços oferecidos aos jovens que vivem nas cidades. Acreditamos que o personagem de Chico Bento jovem poderia muito contribuir para uma análise de comparação e de verificação do uso da gíria e do caipira em diferentes meios.

Conclusão

Atualmente, há uma grande discriminação em relação ao uso de determinadas variantes linguísticas como a gíria e o dialeto caipira. As escolas tentam ensinar aos alunos somente aquilo que as gramáticas apresentam como certo e, por conta disso, as variantes linguísticas, na maioria das vezes, são apontadas como erro, pois são diferentes daquelas formas tradicionais que aprendemos.

O importante nas escolas seria ensinar aos alunos que o indivíduo (falante) é um ser único e por isso possui uma forma específica de falar e se expressar. Mas, o que vemos acontecer é a formação de falantes de norma culta que se julgam melhores do que o outro simplesmente porque fazem o uso das regras criadas pelas Gramáticas Tradicionais. A partir desse ponto, o preconceito deixa de ser com a forma de falar do indivíduo e passa a ser social, ou seja, passa a ser um preconceito específico contra o falante.

Neste trabalho, pudemos constatar que no momento em que um falante de norma culta discrimina outro falante por sua forma de falar, esse preconceito já não existe mais só na linguagem, pois ele passa a fazer do outro um ser inferior por possuir em seu linguajar uma variante menos prestigiada.

Conclui-se, então, que não existe um preconceito puramente linguístico, mas sim um preconceito social, pois, na maioria das vezes, o falante de norma culta apresenta-se em um nível social mais elevado se comparado àquele que não se enquadra nos padrões da Gramática.

Esperamos que essa pesquisa possa contribuir de alguma forma para a criação de um novo ponto de vista com relação à linguagem e suas variações. No momento em que as variantes linguísticas deixarem de ser vistas como erro, seus usuários não sofrerão nenhum tipo de preconceito como os que pudemos verificar ao longo deste trabalho.

Referências

BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2004.

BELINE, Ronald. Variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BULHÕES, Simone Nejaim Ribeiro de. Reinventores da língua. *Revista Mente e cérebro*. Edição Especial: Duetto, 2007 p. 52-61.

CHAGAS, Paulo. Mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

CIRNE, Moacy. *A linguagem dos quadrinhos*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1971.

DAVIDOFF, Linda L., PEREZ, Lenke. *Introdução à psicologia*. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.

GUARACY, Thales. Fama e dinheiro (*Mauricio de Sousa e venda dos gibis*). Disponível em: <http://veja.abril.com.br/210198/p_082.html> Acesso em: 26 de ago. 2009.

HIGUCHI, Kazuko Kojima. Super-Homem, Mônica & Cia. In: CITELLI, Adilson (Org.). *Aprender e ensinar com textos não escolares*. 5. ed. São Paulo: Cotez, 2002.

IANNONE, Leila Rentroia, IANNONE, Roberto Antonio. *O mundo das histórias em quadrinhos*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 1998.

JUNIOR, Gonçalo. *Quem disse que os quadrinhos são inimigos dos livros*. São Paulo, Pesquisas Fapesp. n. 163, p. 90-93, jul. 2009.

LOVETRO, José Alberto. Quadrinhos – a linguagem completa. In _____: *Comunicação e Educação*, São Paulo, nº 2, p. 94-101, jan./abr. 1995

MAURICIO de Sousa, História sobre a vida e obra. Disponível em: <http://wikipedia.org/wiki/Mauricio_de_Sousa> Acesso em: 26 de ago. 2009

MAURICIO de Sousa comemora 50 anos de carreira na Bial. Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/cadernog/conteudo.phtml?id=923807>> Acesso em: 20 de set. 2009.

SANTOS, Raquel. A aquisição da linguagem. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à linguística*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHERRE, Maria Marta Bezerra. *Doa-se lindos filhotes de poodle*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SOUSA, M. *Turma da Mônica jovem: eles cresceram*, São Paulo, n. 1, ago. 2008. Edição Especial de Lançamento.

SOUSA, M. *Turma da Mônica jovem*, São Paulo, n. 10, maio 2009.

SOUZA, Ana Lúcia Godoi *et al.* A linguagem dos quadrinhos. In _____: *A... B... C... Refletindo sobre a alfabetização com histórias em quadrinhos*. Monografia de conclusão de curso. Franca. Universidade de Franca, 2000. p. 74-77.

TURMA da Mônica, Informações sobre características e histórias dos personagens. Disponível em: <<http://www.turmadamonica.com.br>> Acesso em: ago./set. 2009.

VEJA, Revista. *A Mônica já quer namorar*, São Paulo. Ed. 2098, p. 19-23, fev. 2009.

VIEIRA, Iago B. de Oliveira. A história do mangá. Disponível em: <<http://blog.clickgratis.com.br/animesplus/32777/historia+do+mang%E1.html>>. Acesso em: 20 de set. 2009.

ZACURY, Tânia. *Encurtando a adolescência*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.